



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A AVENTURA DOS PARDALICOS

Por ANÃO SABICHÃO

O parsinho de pardalicos encetou a sua viagem, com o Primo Pardalão a servir-lhes de guia.

Passaram campos, matos, pinhais, aldeias e vilas.

Já a pardalica, com as ásitãs derreadas, se queixava amargamente, quando avistaram, ao longe, chaminés de fábricas, de onde saía um fumo muito preto.

— E' ali! — exclamou o Pardalão eutusiasado.

— Reparem na beleza daqueles canudos altíssimos!

Voando, entre nuvens de fumaça e barulhos de ensurdecer, os pardalicos entraram na cidade.

A' hora em que, lá na aldeia, a gente e a bicharada recolhe, ali a vida não parava e as luzes

cram tantas que, estonteada, a pobre pardoca dizia mal à sua vida, saudosa do seu sossego.

— Mais um esforçinho, para chegarmos ao nosso hotel! Verão a sociedade escolhida que ali encontram! — dizia o Pardalão que voava à frente.

Daí a pouco, viram, em baixo, uma grande baldúrdia de asas que se empurravam, nuns pius-pius, desordeiros.

Era a árvore-hotel, tão anunciada.

Os três pairavam no ar, sem ter sequer uma haste onde pousar.

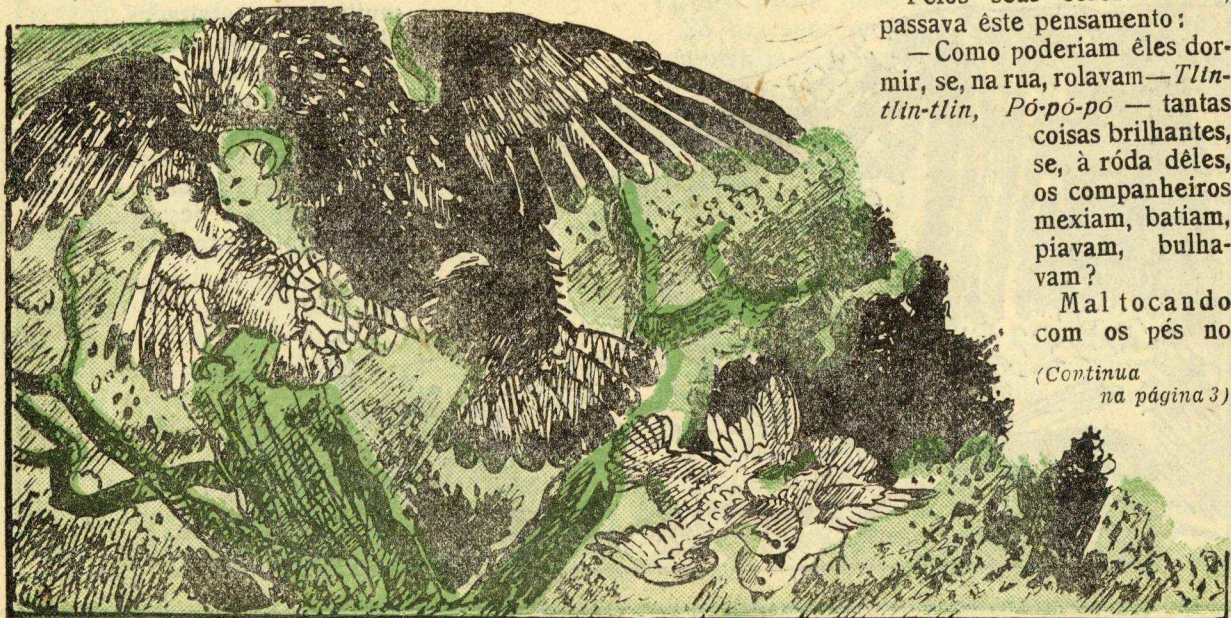
O Pardalhão, conhecedor do meio, meteu-se entre os outros, e, às bicadas, abriu caminho, conseguindo, assim, arranjar um tronquinho onde se aninhou, chamando para junto d'ele os pardalicos, muito tontos com tanta confusão

Pelos seus cerebrozinhos, passava este pensamento:

— Como poderiam eles dormir, se, na rua, rolavam — *Tlin-tlin-tlin*, *Pó-pó-pó* — tantas coisas brilhantes, se, à róda d'eles, os companheiros mexiam, batiam, piavam, bulhavam?

Mal tocando com os pés no

(Continua na página 3)

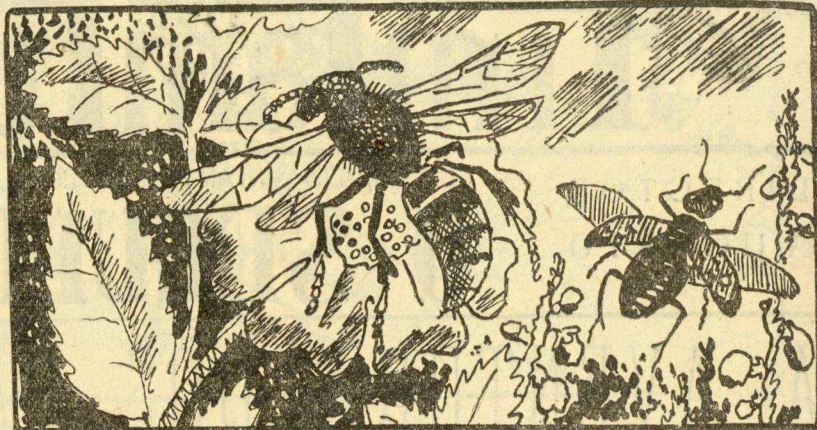


DIFERENÇAS

Por LAURA CHAVES

MARÇO chegara fagueiro,
 Céu azul, sol prazenteiro.
 Havia na Natureza
 aquela firme certeza,
 depois duma longa espera,
 de que emfim a Primavera
 traria, em seu verde manto,
 toda a seiva ao húmus santo,
 que torna fecundo o solo
 e enche a terra de consólo.
 As árvores inda nuas
 pelas vergastadas cruas
 dos ventos, das invernias,
 sorriam às harmonias
 que cantava branda a arágem
 entre os ramos sem folhagem.
 Algum tronco mais precoce,
 sob essa carícia dóce,
 começava a reflorir,
 a despertar, a sorrir...
 As aves, em chilreada,
 aguardando a desejada,
 voavam alegremente.

No tronco duma azinheira,
 velhinha mas altaneira,
 de casca rugosa e feia,
 existia uma colmeia.
 As abelhas, em virtude
 do inverno ter sido rude,
 da muita chuva caída,
 tinham levado má vida.
 Como o tempo estava lindo
 e o sol lá dos céus, sorrindo,
 dava à terra o seu calor,
 num brando afoço de amôr,

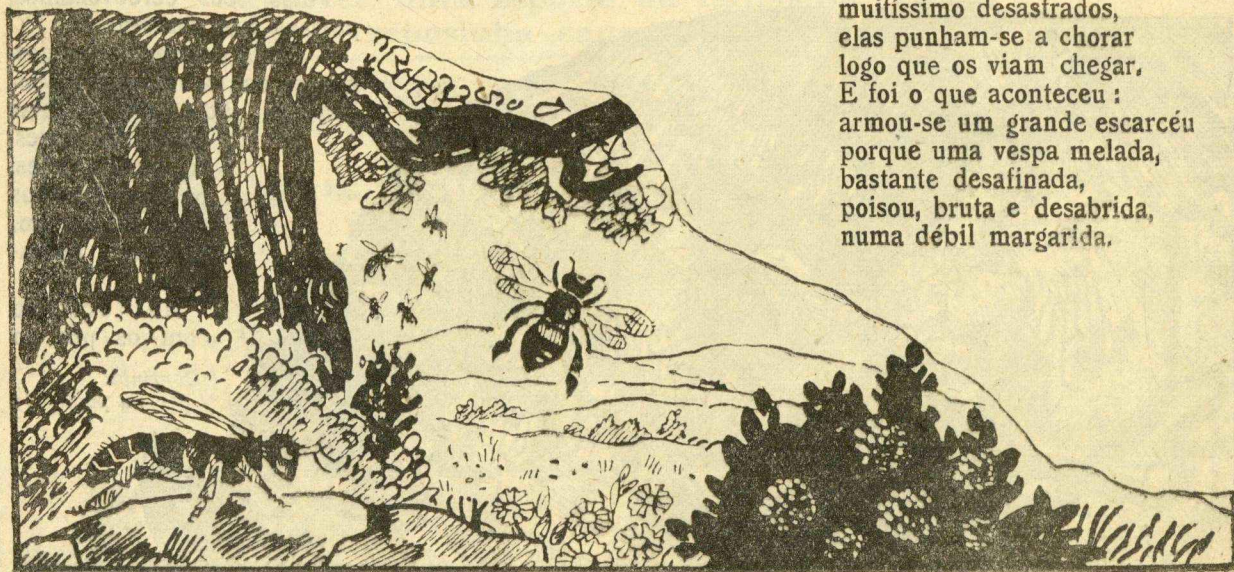


houve grande reboliço
 dentro e fóra do cortiço.
 As abelhas, a voar,
 de flôr em flôr, sem poisar,
 ébrias, loucas de alegria,
 com a limpidez do dia,
 tinham reflexos doirados
 nos seus corpinhos alados;
 e êsses corpos tão franzinos
 lembravam sóis pequeninos.
 A transparência era tal
 que parecia que o vale,
 que em baixo se divisava,
 mais e mais se aproximava.
 Sentia-se em todo o ser
 a alegria de viver!

É costume entre as abelhas,
 por tradições muito velhas,
 que a abelha que anda na lida

a tratar da sua vida,
 a abelha trabalhadeira
 seja alegre e cantadeira.
 E' que ao som duma cantiga
 sente-se pouco a fadiga.
 Além de incutir corágem
 inda tem outra vantágem:
 como a abelha o seu labôr,
 é sugar o mel da flôr,
 esta, ao ouvi-la cantar,
 vai-se deixando embalar,
 embevecida, escutando,
 e nem dá que a estão roubando.

Pois nessa linda manhã,
 os insectos, num afan,
 as abelhas imitando,
 foram voando, voando,
 em busca também das flores
 Mas por serem maçadores,
 uns trombudos, malcriados,
 muitíssimo desastrados,
 elas punham-se a chorar
 logo que os viam chegar.
 E foi o que aconteceu:
 armou-se um grande escarcéu
 porque uma vespa melada,
 bastante desafinada,
 poisou, bruta e desabrida,
 numa débil margarida.



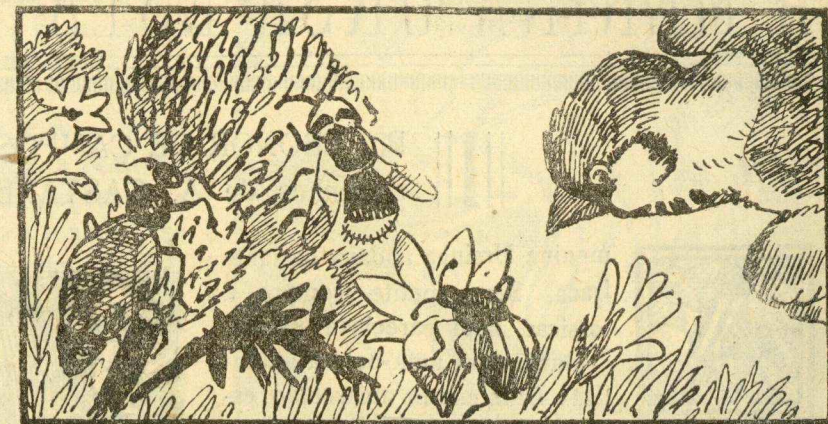
A florinha, derreada
por tal pêso já vergada,
pôs-se a gritar, a gritar:

— Quem é que me vem livrar
desta vespa assim brutal
que me está a fazer mal!

Mas não era ela sómente
a queixar-se. Mesmo em frente,
umas humildes florinhas,
com vozes muito fininhas,
soltando uns ais muito aflitos,
bradavam contra os mosquitos
que, sem dó, nem mais *aquelas*,
foram poisar sôbre elas.

Eram tão fortes os ais
que acudiram os pardais
e ao conhecerem o assunto
vendo tanto bicho junto,
— aquilo foi um regalo,
um petisquinho de estalo! —
Tinha de se aproveitar!

Logo aos bichos deu um ar
e a pardalada que veio
ficou com o papo cheio.



Emquanto isto se passava
o enxame, livre, poisava
ora aqui, ora acolá,
e a mesma acção, que era má
quando feita brutalmente,
era aceite alegremente
pelas flores despojadas
que as abelhas, delicadas,
sempre a cantar, a cantar,
os seus cantos de embalar,
sugavam com tal jeitinho,
chegando a ser um carinhô,

um afago, um dôce arroubo,
o que afinal era um roubo.

E' dever de toda a gente
ser alegre e ser contente
e também ser delicada.
Se fizer uma maldade
verá a facilidade
com que é logo perdoada.

■ F I M ■

A AVENTURA DOS PARDALICOS (Continuado da pág. 1)

ramo que tremia continuamente, sacudido pela
passarada, os pobrinhos ficaram-se encolhidos, de
susto e timidez.

Alta noite, o barulho redobrou.

Pius, aflitivos se ouviram, às bateram, umas
contra as outras, numa doídice de medo!

E' a coruja! O papão dos pardais! — piou o
Pardalão, aterrorizado.

Uma enorme massa negra pairou sôbre a ár-
vore, num vô ameaçador.

Com as perninhas eriçadas, tremendo de pavôr,
os pardalicos viram, de repente, a grande àve de
rapina abater sôbre um ramo e levar no bico um
pardal pequenino que piava desesperadamente.

Não tem descrição o que depois se passou!

Entre a folhagem, a passarada tentava fugir,
numa medonha confusão, enquanto a terrível co-
ruja, aproveitando a balbúrdia, metia no papo
todo o pardal que achava a jeito!

Numa dessas arremetidas, chegou a vez do Par-
dalão, que, ali mesmo, ela devorou, sem dó nem
piedade, pelos *pius* de dôr que êle soltava!

Agarrado ao seu pardalico, a senhora pardoca,
num brusco írenesi de energia, esgueirou-se pelo
tronco abaixo.

Em terra, aos pulinhos, puzeram-se a salvo
bem longe daquêle lugar maldito.

Quando rompeu a manhã, orientaram-se então.
Seguindo o norte, foram voando, voando sem-
pre...

Passaram vilas, aldeias, pinhais e campos, até
que, lá muito distante, divisaram o telhado da
casinha pobre, onde haviam deixado o seu ninho.

Só descansaram, ao pôr as patinhas nas telhas
carcomidas pelo tempo, e suspiraram de felicidade
ao cheirar, deliciosos, o arroz de telhado que as
cobria!

O sossêgo que, por fim, gozaram no seu ninho
tão quentinho, não se descreve em palavras, mas
o que posso assegurar é que nunca mais o senhor
pardalico abriu o bico, para desdenhar da vida,
cheia de felicidade que sempre gozou, junto da
companheira, a pardalica mais sensata do reino da
passarada!

Esta história é a prova de que nunca devemos
ambicionar, nem invejar o bem dos outros, quando
temos, ao nosso alcance a felicidade que, às vê-
zes, se resume em bem pouco!

Quando forem mordidos pela inveja e pela am-
bição, lembrem-se sempre da aventura dos par-
dalicos, contada pelo vosso amigo Anão Sabichão.

ERRATA: — Por lapso de revisão, na primeira parte dêste conto, safu o título: — *A Vingança dos pardalicos*, em vez de:

— *A Aventura dos Pardalicos*. Que nos relevem esta falta os nossos pequeninos leitores e a sua ilustre Autora.

A MENINA URSA ESTA' FRAQUINHA

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑÉ



menina Ursinha andava bastante fraca. Sem apetite, sempre a tossicar, nem parecia a mesma.

Dantes era uma beleza autêntica: Dum pardo amarelado, estatura mediana, dentes fortes e sempre dispostos a trincar, umas garras fortíssimas, era um gôsto olhar para ela. Nos combates que sustentava com os irmãos, os primos e outra bicharada, ninguém a vencia.

Porisso os pais da menina Ursinha tanto se alarmaram quando a viram enfraquecer... enfraquecer... a ponto de quási não poder dar passada.

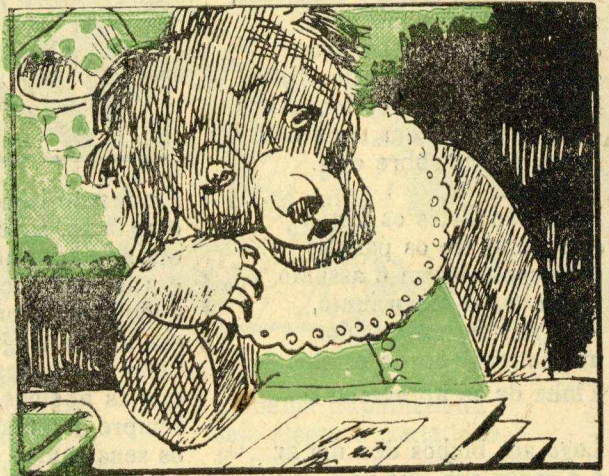
— «É melhor levá-la ao doutor; não te parece, marido?» — disse uma tarde a senhora Urso.

— «Sim, é melhor. Vamos, lá, amanhã!...»

Na manhã seguinte os três puseram-se em marcha para o consultório do doutor Urso Cinzento. A pobre Ursinha ia amparada aos pais, descansando constantemente, cada vez com menos forças para se suster.

O doutor Urso Cinzento recebeu-os logo. Ouviu as queixas da doente, auscultou-a, tomou-lhe o pulso, examinou-lhe a língua e, por fim, diagnosticou:

— «A minha menina está com uma profunda anemia. Aconselho mudança de ares e fortificantes. Tem que comer diariamente duas centenas



de larvas de formigas, 10 litros de mel, uma foca inteira e metade dum carneiro!...»

— «Ai, senhor doutor! — gemeu o pai Urso — Mas, assim, dentro em pouco, estaremos arruinados!...»

— «Paciência! Em primeiro lugar está a vida dos filhos! Se a sua filha não tiver êste regime durante um mês, morrerá! Ora nunca se viu um urso, que se preze, deixar morrer os filhos ao abandono!...»

— «Decreto, doutor. Não é preciso lembrar-me



os meus deveres. Eu e a minha mulher trabalharemos durante este mês, como forçados, para que a nossa filha melhore rapidamente... E que ponto aconselha o doutor para mudança de ares?»

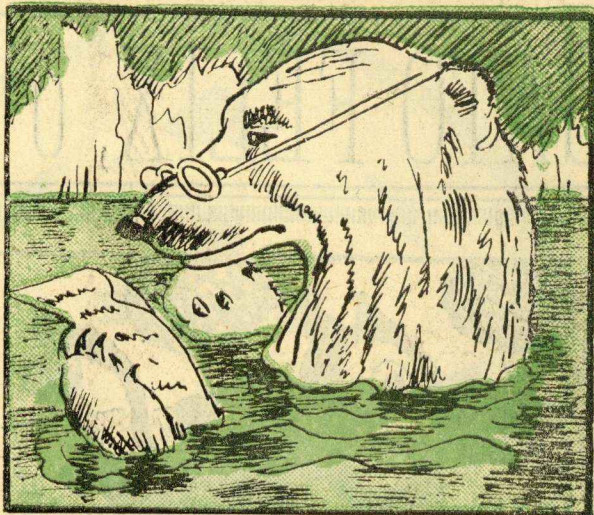
—«O melhor é o Polo Norte...»

—«Pois bem. Vou já escrever a meu primo Urso Branco, que mora no Polo Norte, a pedir-lhe para receber em casa d'ele a minha pequena...»

Efectivamente, nesse mesmo dia, o senhor Urso Pardo escrevia ao primo. E passados três dias vinha a resposta toda amável:

«Senhor meu primo:

«A minha mulher, eu, meus filhos e tudo o que me pertence, estamos inteiramente ao seu dispor



e ao da sua esposa e filha. Avisem, apenas, do dia da chegada, para irmos esperá-los ao caminho!...

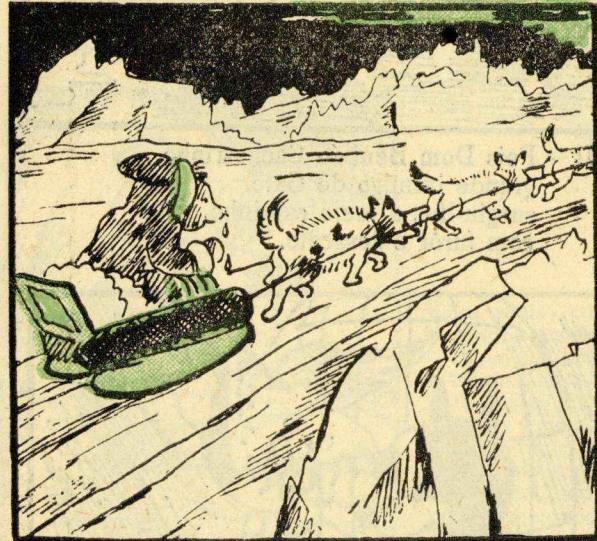
Saúde e peixes.

Primo e amigo,

Urso Branco Polar.

Daí a alguns dias partia menina Ursinha Parda para o Polo Norte. Ia num trenó todo catita, puxado a cães. Atrás dela, um cortejo formidável de trenós, conduzia as bagagens e mantimentos para aquêlê mês de cura de repouso.

(Continua no próximo número)



O NOSSO CONCURSO EPISTOLAR

Queridas amiguinhas

Continuo contentíssima com o êxito obtido pelo «Concurso Epistolar»!

Todos os dias me caem nas mãos dezenas de simpáticas cartinhas e tenho lido nos corações dos meninos de Portugal como num livro aberto.

E que lindos são os corações das crianças da «Nossa Terra»! Em todas as cartinhas existe a candura e simplicidade enternecedoras; a bondade reflectida em comedoras alusões a pobrezinhos, e a noção do dever do estudo, que devem encher de orgulho todos os Pais portugueses.

Que graça eu acho ás meninas que dizem ajudar as Mãezinhas nos trabalhos Domésticos!

Estou muito contente com todos, meus queridos amiguinhos, e, a todos, aperto ao coração, num grande abraço.

Recebi mais as seguintes cartinhas: — De Maria Luiza; Raposa Castanho, Dina Helena de Oliveira, Manuel Pinheiro Duarte, Macou, Fernando Henriques Bebiano,

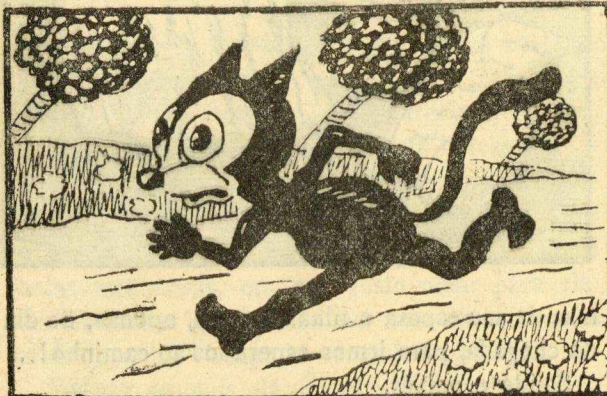
Helena Gânara da Silva, Ivania Mendonça, Maria de Lourdes F. Coutinho, Maria da Purificação Gomes, Ivone da Conceição Machado Correia, José dos Santos Gonçalves, Jacinta Luiza da Silva, Evaristo José da Silva, José Nogueira, Alice Assunção Pratas, Isa Maria, Fernando Serafim da Silva, Ivone de Castro Ferreira, Alice Vergílio Rodrigues, António R. de Almeida, Isabel das Dôres Martins, Maria Vitória de Sousa Melgaz, Maria José Matias dos Santos, António Antunes.

Maria Fernanda de Sousa Ramos, António Viegas de Abreu, Antoninha Celestina Teles Garcia, Maria da Silva Madail, Celso Júlio Pedroso Pereira, Maria Luiza Pire's Mário Santos, Margarida Varela Esteves, Dagmar de Jesus Gracio, José Garpar, Crizálida Antunes da Conceição, António de Matos Antunes, Alda Barbosa da Silva, Maria Ricardina Cutileiro Indias, Cristina Aurora Carvalho Bexiga, Glicínia Vieira Quartim, Daniel Simões Pleno, Maria Inácia Esteves, Maria Adélia Lopes, Severina Mendes Filipe, Lília Nascimento, Jorge Rosa e Lina Silva.

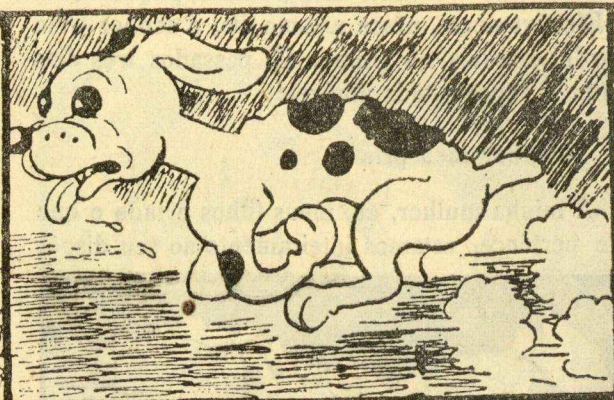
Beijinhos a todos da amiguinha e madrinha

GRACIETTE

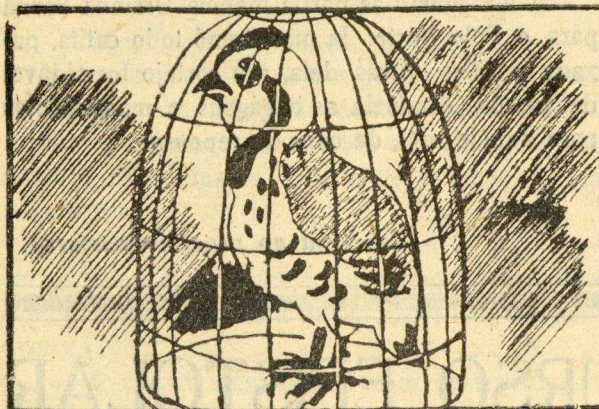
GATO FÉLIX, O CÃO E A PERDIZ



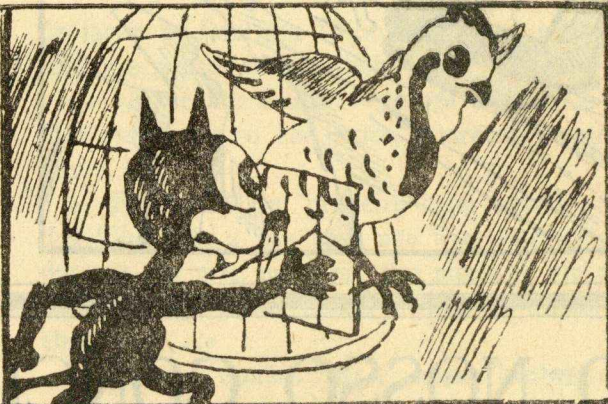
I — Presentindo um grande p'riço e com grande desespero, Gato Félix diz consigo: — «Pernas para que vos quero !!...»



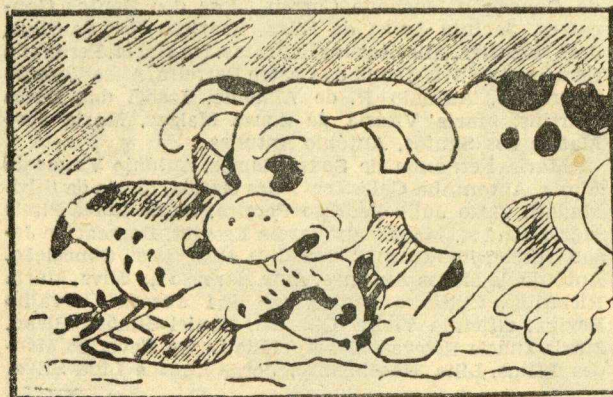
II — Pois Dom Béubéu Cachorrinho, grande inimigo do Gato, surgiu-lhe, a meio caminho, com furór e desacato.



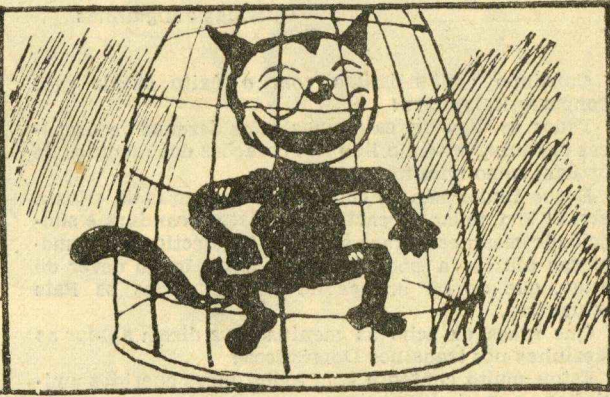
III — Ali perto, uma perdiz, numa gaiola doirada, chorava, muito infeliz por se ver engaiolada.



IV — Gato Félix que inda enxuga o suor, pela corrida, propõe à perdiz a fuga em troca da própria vida.



V — A perdiz, boquiaberta por tal generosidade, ao ver a gaiola aberta, recupera a liberdade.



VI — Liberdade que, entretanto, dura minutos sòmente; pois o Cão surge dum canto, e, ao vê-la, ferra-lhe o dente.

VII — Muita vez — (e eis da lição a bela sabedoria): — a aparente abnegação encobre velhacaria!

O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA-MESTRA

ESTE pequeno «napperon» bordado com um ponto cheio e terminado com um «picot» a toda a volta, é, na realidade, um trabalho muito fácil e de certo modo original!

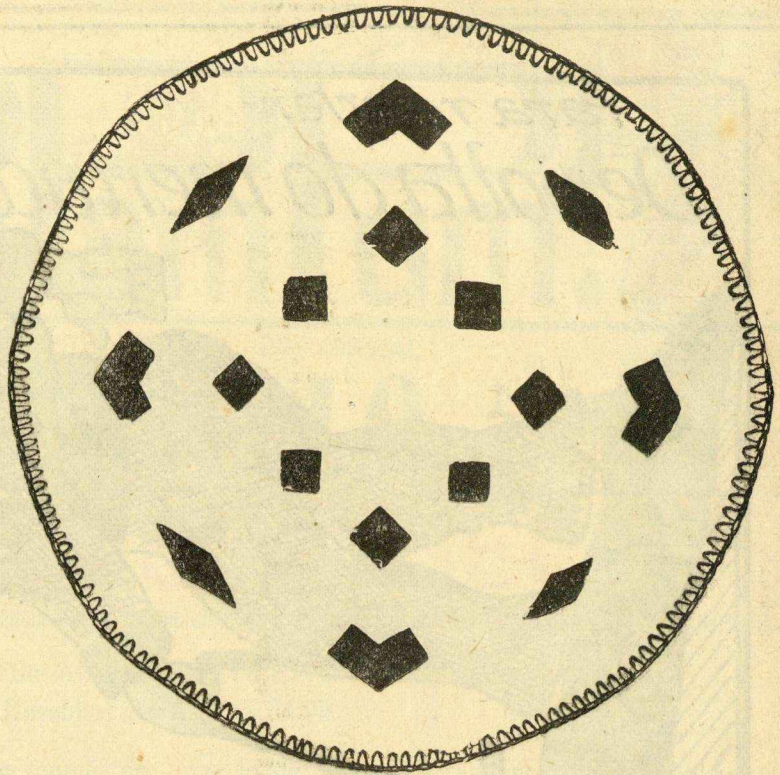
E querem saber como eu arranjei o modelo?

De uma maneira bem simples!

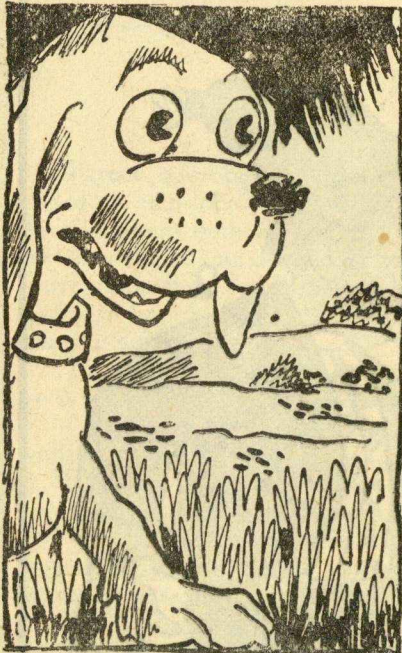
Peguei num quadrado de papel e dobrei-o em 2 partes, depois em 4 e ainda em 8.

Arredondei-lhe os cantos e cortei, então, sobre todas as dobras, pequenos triângulos, com a distância que o meu gosto foi fantasiando! Nada mais!

Por este processo, podem obter mo-



ADIVINHA



Meus meninos: - Vejam se descobrem o coelho que este cão está vendo.

délos muito curiosos para os vossos bordados. Experimentem!

Passa-se o «napperon» de papel, para o tecido que se quer trabalhar, pondo, entre estes dois, uma folha de papel químico e contornando os triângulos com um lápis, de modo que eles fiquem reproduzidos no pano.

Também, em vez de empregar o ponto cheio para o bordado, podem

apenas cobrir o seu risco com ponto pé de flôr ou ponto cadeia.

Para a próxima vez, hei-de apresentar-lhes outra aplicação engraçada dos desenhos em papel recortado e, só depois disso, pode, novamente, atender os pedidos das queridas abelhinhas, a vossa amiguinha

ABELHA MESTRA

CHARADAS COMBINADAS

+ to - Cobertura
+ jo - Brinquedo infantil
Conceito:
Rio português

+ to - Sábio
+ to - Rasgado
Conceito:
Rio português

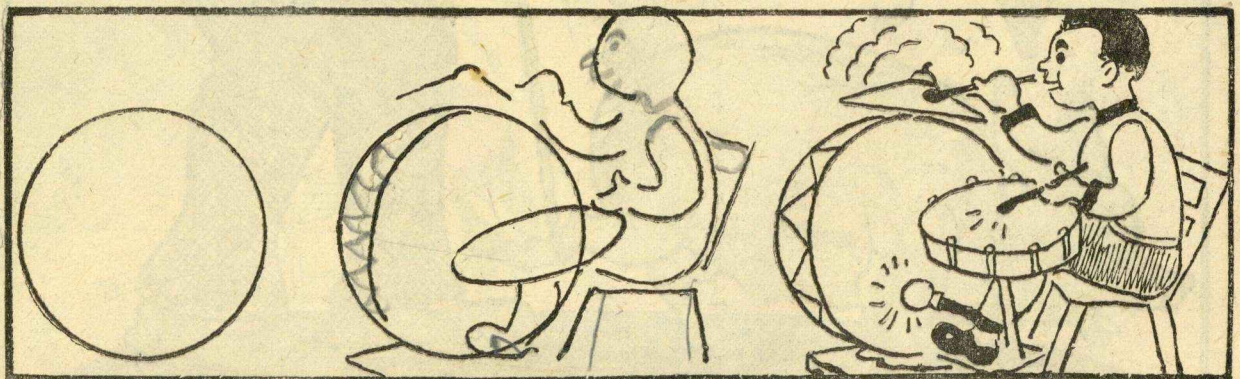
+ po - Batráquio
+ ca - Cais
Conceito:
Rio português

+ lo - Estampilha
+ bo - Canudo
+ ão - Aerostato
Conceito:
Cidade portuguesa

+ la - Gôma
+ an - Metal magnetizado
+ ga - Cidade
Conceito:
Cidade portuguesa

+ to - Cama
+ ta - Nome próprio
+ la - Fila
Conceito:
Cidade portuguesa

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um menino a tocar «Jazz»

Para recortar De volta do mercado.



Colar em
cartolina
recortar e
colar.

Num retan-
gulo de ma-
deira quesir-
va de base, fa-
zer uma ran-
hura e me-
ter o espa-
co 3.